

A SEXUALIDADE NO IDEÁRIO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Elisangela da Costa Sousa Azevedo¹

Claudia Maria Lima da Costa²

Resumo

A visão que permeia o ideário de adolescentes sobre sexualidade é fruto das diversas interações sociais. Por vezes é banalizada, ou ainda repleta de curiosidade pela ausência ou inadequação desse tema nos ambientes familiares, informais ou mesmo formais. A partir deste contexto, esta pesquisa teve por objetivo identificar aspectos do tema sexualidade presentes no ideário de alunos do ensino fundamental maior. É um estudo de caráter qualitativo, tendo sido utilizado para a produção dos dados questionários fechados e abertos e para a inferência dos mesmos a análise de conteúdo. Participaram do estudo cinquenta e sete alunos do ensino fundamental de uma escola pública de Teresina. Os resultados do estudo indicam a visão de sexualidade como sinônimo de adolescência. Esta conclusão, baseia-se no contexto social desfavorável dos interlocutores. A preparação do professor de ciências para discutir projetos de orientação sexual torna-se uma medida imprescindível.

Palavras-chave: Escola. Ciências. Adolescência. Orientação sexual.

SEXUALITY IN THE IDEAL OF STUDENTS OF FUNDAMENTAL EDUCATION

Abstract

The view that permeates teenagers' ideas about sexuality is the result of different social interactions. Sometimes it is trivialized, or even full of curiosity for the absence or inadequacy of this theme in familiar, informal or even formal environments. From this context, this research aimed to identify aspects of the sexuality theme present in the ideas of students of the elementary school. It is a qualitative study, having been used for the production of closed and open questionnaires data and for their inference to content analysis. Fifty-seven elementary school students from a public school in Teresina participated in the study. The results of the study indicate the view of sexuality as a synonym for adolescence. This conclusion is based on the unfavorable social context of the interlocutors. The preparation of the science teacher to discuss sexual orientation projects becomes an essential measure.

Keywords: School. Sciences. Adolescence. Sexual orientation.

¹ Aluna do curso de Ciências Biológicas/IFPI *campus* Teresina Central

² Professora do IFPI *campus* Teresina Central

1. Introdução

A visão que permeia o ideário de adolescentes sobre sexualidade às vezes é banalizada, ou ainda repleta de curiosidade pela ausência ou inadequação desse tema nos ambientes familiares ou informais.

E em uma sociedade cada vez mais midiática, as informações são acessadas cada vez mais rápidas, às vezes faltando um crivo de orientação abalizada para os adolescentes ainda em formação.

Nesse contexto, encontra-se a escola que não pode deixar de exercer seu papel e ao professor acrescenta-se mais uma atividade, que requer preparo para realizar as necessárias discussões.

Neste sentido, apresenta-se ao Instituto Federal do Piauí *campus* Teresina Central os resultados do estudo intitulado “A sexualidade no ideário de alunos do ensino fundamental”.

Para nortear os estudos partiu-se do seguinte problema: Que aspectos do assunto sexualidade estão presentes no ideário de alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental? E como objetivo geral elencou-se: Identificar aspectos do tema sexualidade presentes no ideário de alunos do ensino fundamental. E como objetivos específicos: Realizar levantamento de dados sobre questões pertinentes à sexualidade junto aos alunos do ensino fundamental; caracterizar as questões implícitas nas percepções discentes sobre sexualidade.

Este trabalho justificativa-se a partir dos parâmetros pessoal, acadêmico e institucional. Durante o estágio, observando o comportamento dos adolescentes encontrei um certo anseio pela fase em que estavam passando, diante de conversas, brincadeiras, em relação a descoberta do prazer e do corpo, então pensei em desenvolver um trabalho para reconhecer as ideias desses alunos.

Para situar este estudo entre as produções acadêmicas produzidas sobre o tema sexualidade na escola, foi acessado a Base Institucional Acadêmica do Instituto Federal do Piauí com o descritor “sexualidade” obtendo-se como resultado apenas um trabalho intitulado “Doenças sexualmente transmissíveis (DST's): medidas preventivas no centro de educação João Paulo, na cidade de Matões/MA” de Nascimento (2017). As propostas dos dois estudos se diferenciam no que diz respeito ao objetivo: enquanto aquele investigou a prática dos professores com o tema sexualidade, este, traz as percepções de alunos.

Para o IFPI enquanto institucional formadora este trabalho pretende se somar a outros já produzidos, podendo contribuir para outras investigações sobre a mesma temática.

2. Sexualidade e escola: breves considerações

Sexualidade se define como uma construção contínua de saberes, que o indivíduo aprende sobre seu corpo entre outros corpos no decorrer de cada fase da vida, com influência dos contextos sociais onde está inserido.

A sexualidade está presente na vida humana desde o nascer até a morte envolvendo o contexto físico, emocional, e psicológico do ser humano. E de forma explícita ou implícita é abordada nos âmbitos familiares e transmite valores que cada família considera importante e espera que sejam adotados. (BRASIL, 1997).

O tema sexualidade se tornou um alerta porque os adolescentes estão vivenciando uma transformação de tempo, valores e costumes influenciados pela visão de mundo diferente de sua realidade, e os modismos vão despertando padrões alheios e a ansiedade por se sentir igual aos outros, antecede a vivência da sexualidade.

Para Aguiar (2007, p. 48),

o conceito de adolescência, está incorporado ao imaginário social por meio da apropriação de certos sentidos das teorias psicológicas, e constitui-se, simbolicamente, como uma fase ou período adjetivado negativamente e estreitamente vinculado à sexualidade. A incorporação desse conceito deu-se em função de certo recorte da experiência juvenil na cena social do final do século XIX e começo do século XX e também pelos estudos médicos sobre puberdade, e, foi favorecida pela repetitividade e circularidade do discurso produzido no interior dessa mesma sociedade.

A adolescência, portanto, configura-se como um período de transição, de reconhecimento, de afirmação, que requer da família e da escola uma atenção especializada de orientação, sobretudo porque a devida orientação sexual tem a ver com questões de saúde individual e coletiva, bem como de crescimento populacional (BRASIL, 1997), então se configura como uma questão de saúde pública.

Neste sentido, a escola, como um dos espaços formativos de educação não pode estar a parte de abordar os diversos contextos da vida, valores e crenças existentes na sociedade com vistas a auxiliar o aluno a construir autonomia através de processos reflexivos sobre a vida individual e coletiva.

Vale ressaltar que a educação é um direito de todos (BRASIL, 1988), e tem como finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996), sendo assim, o assunto sexualidade, faz parte desse ideal de formação social, devendo ser contemplado pelo currículo da escola pública brasileira.

Falar sobre este tema não é só responsabilidade da escola, mas, muitas famílias não se sentem preparadas ou dispostas a conversar sobre o assunto; por isso, a escola vem sendo chamada a desempenhar esse papel e precisa estar preparada para assim proceder.

A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e explicitar os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio constituiu como seus e a respeitar valores contrários. (BRASIL, 1997).

Sem dúvida a sexualidade é uma construção social, e múltiplas são as discussões a respeito, sobretudo sobre gênero, como uma construção marcada pela história, cultura, ciência, política, economia de qualquer sociedade (BRASIL, 1997), sendo responsável pela constituição da identidade dos sujeitos. (LOURO, 2007).

Em uma visão globalizada dentro da sociedade capitalista, a sexualidade vem sendo definida a partir da ideia de construção de gênero, centralizando-se as discussões não só a partir das diferenças entre os sexos, mas, como as construções sociais caracterizam os gêneros homem e a mulher. (BRASIL, 1997; LOURO, 2007).

Para se trabalhar temas relacionados à sexualidade cabe a escola informar os familiares dos alunos sobre a inclusão de conteúdos de orientação sexual na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores da proposta. O diálogo entre escola e família deverá se dar de todas as formas pertinentes a esse contexto. (BRASIL, 1997).

Assim, o professor para trabalhar o tema sexualidade com crianças, adolescentes e jovens na escola precisa ter acesso à formação específica a fim de demonstrar uma postura e prática profissional, consciente e intencional sobre o assunto.

Agindo assim, o professor possibilita ao aluno a construção de autonomia com relação aos valores, posicionamentos, ampliação de conhecimentos, sendo cuidado para não impor valores, crenças e opiniões próprias. (BRASIL, 1997).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de Ciências, “propõem que se trabalhe os conteúdos relacionados ao desenvolvimento do corpo humano deixando claro para o aluno que o corpo humano não é uma máquina; porém, cada ser humano é único, como único é seu corpo”. (BRASIL, 1997, p. 22).

Nessa perspectiva, a área de Ciências pode contribuir para a formação da integridade pessoal e da autoestima, da postura de respeito ao próprio corpo e ao dos outros, visando o entendimento da saúde como um valor pessoal e social, e para a compreensão da sexualidade humana sem preconceitos e com responsabilidade. (BRASIL, 1997).

Sobre como trabalhar a orientação sexual os PCN's defendem ainda, que a escola tenha um foco baseado no cotidiano do aluno que aborde as repercussões transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade, com as crianças e os jovens. Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança já possui e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhe é ou foi apresentado. (BRASIL, 1997).

Portanto é importante a observação quanto ao comportamento de crianças e adolescentes para que no momento certo possa-se intervir, com orientação informativa, formativa e construtiva. Porque educar requer (re)construção, (re)avaliação, do conhecimento, metodologia, saber elaborar estratégias que favoreçam a aprendizagem do aluno.

No contexto do que foi acima discutido, ressalta-se a importância da formação inicial e continuada dos professores de Ciências, dentre outras justificativas, cite-se que é uma área do conhecimento em constante transformação, requerendo do docente cotidiana reciclagem das informações, das novas descobertas que englobam o mundo científico e a sociedade atual. Esse aprender *continuum* prepara-o para bem desenvolver metodologias de ensinar e aprender, pois

como sujeito que carrega consigo aprendizados de sua história de vida pessoal e profissional, também necessita diariamente mobilizar os conhecimentos oriundos destes aprendizados e fazê-los interagir para resultar em processos de ensino em sala de aula. (ROCHA, 2013, p. 35).

Assim, o professor de Ciências bem qualificado, técnica e intencionalmente é quem melhor está designado para ser um mediador entre os assuntos científicos e informais presentes no cotidiano escolar.

3. Metodologia

Este estudo se constitui como qualitativo, considerando a natureza do objeto do estudo e a subjetividade a ele inerente porque busca apresentar tanto as respostas pessoais, de caráter subjetivo dos participantes da pesquisa como as interpretações subjacentes. (COSTA, 2012).

Para a coleta dos dados foram utilizados questionários fechados e abertos. Marconi; Lakatos (2017), asseguram que os questionários demandam perguntas previamente elaboradas e que podem ser classificados como fechados ou abertos.

Neste trabalho, os questionários fechados visaram reconhecer o ano do ensino fundamental, idade dos alunos, a preferência dos mesmos com quem conversar sobre assuntos relacionados à sexualidade, bem como reconhecimento sobre a importância do diálogo entre pais e filhos sobre sexualidade.

Para a análise dos dados foi utilizado a análise de conteúdo de Bardin (2011). A autora conceitua a análise de conteúdo como

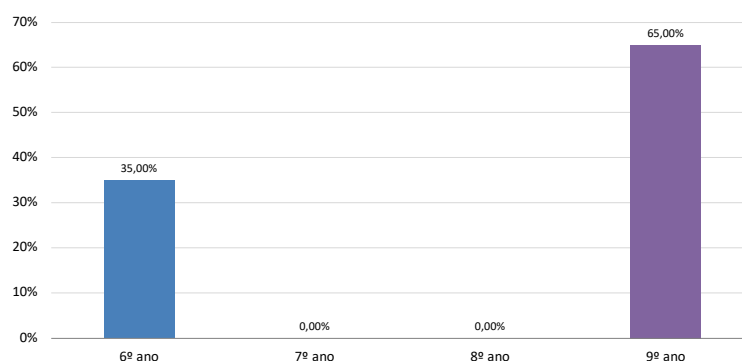
Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 48).

As fases que constituem a análise de conteúdo são organizadas em torno de três momentos: a pré-análise (organização dos dados), a exploração do material (operações de codificação, decomposição ou enumeração das decisões tomadas); tratamento dos resultados obtidos e interpretação (interpretações dos dados coletados e categorizados). (BARDIN, 2011).

Os interlocutores foram 57 alunos do ensino fundamental do 6º e 9º ano da Escola Municipal Mocambinho, localizada no bairro Mocambinho III, Teresina- Piauí, inaugurada em novembro de 1988 a escola atende a comunidade de baixa renda e residente nos setores circunvizinhos à escola. Estes alunos são oriundos de famílias carentes, trabalhadores informais, domésticas, e também alunos que residem na casa Dom Barreto, que abriga crianças em situação de risco e órfãos.

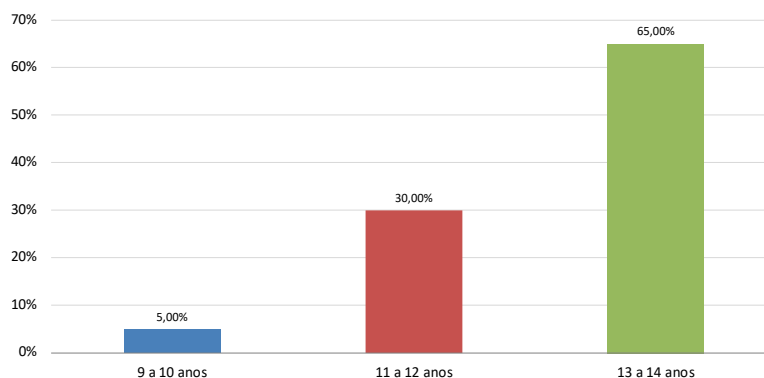
Os gráficos, 1 e 2 apresenta o perfil dos interlocutores em relação a ano de escolaridade e idade.

Gráfico 1. Ano que cursa o ensino fundamental.



Fonte: Pesquisa dos autores. 2019.

Gráfico 2. Idade dos alunos.



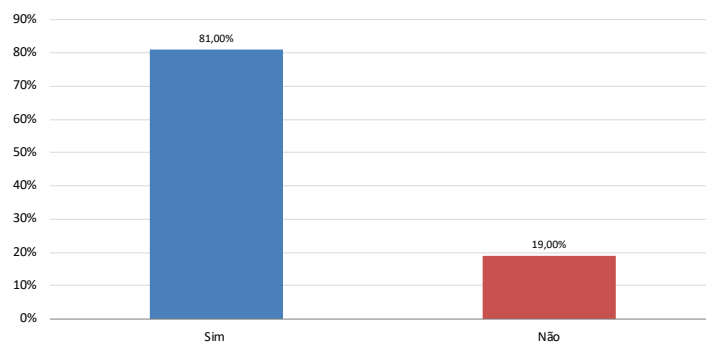
Fonte: Pesquisa dos autores. 2019.

Observa-se que a maioria dos alunos são adolescentes. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069, de 1990, considera criança a pessoa até aos 12 anos de idade incompletos e define a adolescência como a faixa etária compreendida entre 12 a 18 anos de idade. (BRASIL, 1990). Ressalte ainda que a faixa etária está condizente com o sexto e nono ano onde os alunos estão matriculados. De acordo, pois, com a Lei 9.394/96. (BRASIL, 1996).

4. Resultados e Discussão

4.1 A importância do diálogo entre pais e filhos sobre sexualidade

Gráfico 3: Ponto de vista sobre a importância do diálogo entre pais e filhos

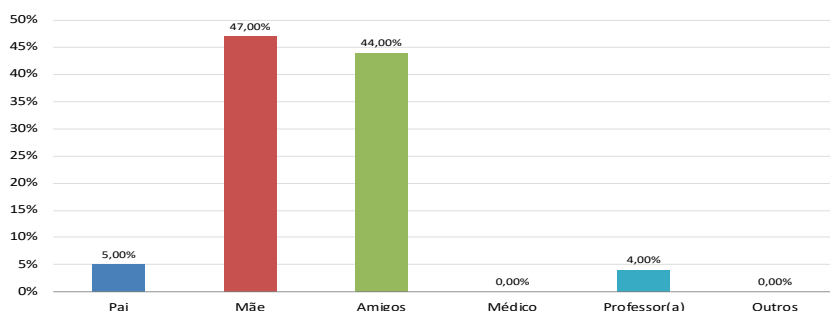


Fonte: Pesquisa dos autores. 2019.

Quarenta e seis alunos (81%) consideram relevante o diálogo entre pais e filhos sobre sexualidade. Mesmo com todo avanço da mídia, ainda falar sobre este tema traz algumas restrições, representados aqui, por onze alunos (19%). Alguns adolescentes e pais criam entre si uma barreira em relação a conversar abertamente sobre este ou aquele assunto, o que pode levá-los a formar seus conceitos a partir de informações equivocadas. O ideal, pois, como dever da família, como reza a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) é promover as primeiras informações e formação dos filhos a respeito da educação sexual dos mesmos.

4.2 A predileção com quem conversar sobre sexualidade

Gráfico 4: O outro com quem conversar



Fonte: Pesquisa dos autores. 2019.

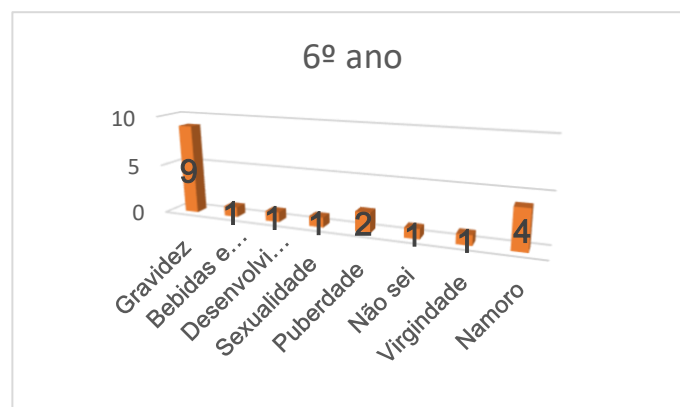
Os dados coletados de cerca de 27 alunos (47%) consideraram a mãe como a figura mais indicada para se conversar sobre sexualidade, embora 25 alunos (44%) prefiram os amigos. A predileção pela figura da mãe converge para os dados anteriores quando foi considerado importante o diálogo entre pais e filhos, mesmo que o pai tenha recebido nesta questão em particular a preferência de 3 alunos (5%).

Ressalte-se que a figura do (a) professor(a) aparece apenas com a escolha de 2 alunos (4%), o que surpreende quando se compara com a preferência de amigos (25 alunos), mesmo que a educação escolarizada seja apenas um dos contextos formativos (BRASIL, 1996) a orientação sexual trabalhada pela escola, nem substitui nem tão pouco concorre com a família, mas antes tem por objetivo complementá-la. (BRASIL, 1997).

4.3 A preocupação dos pais em relação à sexualidade

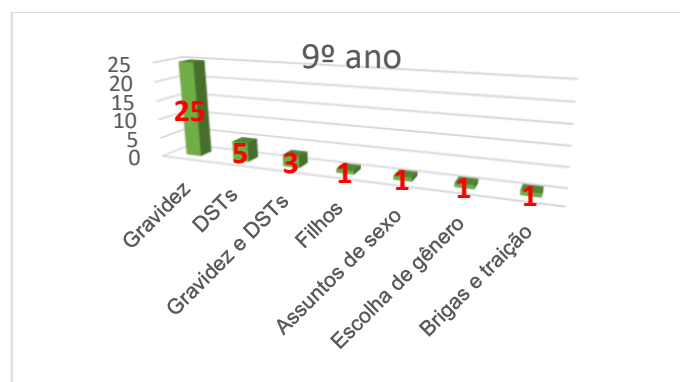
Os alunos do 6º e 9º anos quando indagados sobre o que pensavam preocupar seus pais elencaram vários motivos. Observemos as respostas dispostas nos gráficos 5 e 6.

Gráfico 5: Os pais e a sexualidade



Fonte: Pesquisa dos autores. 2019.

Gráfico 6: Os pais e a sexualidade



Fonte: Pesquisa dos autores. 2019.

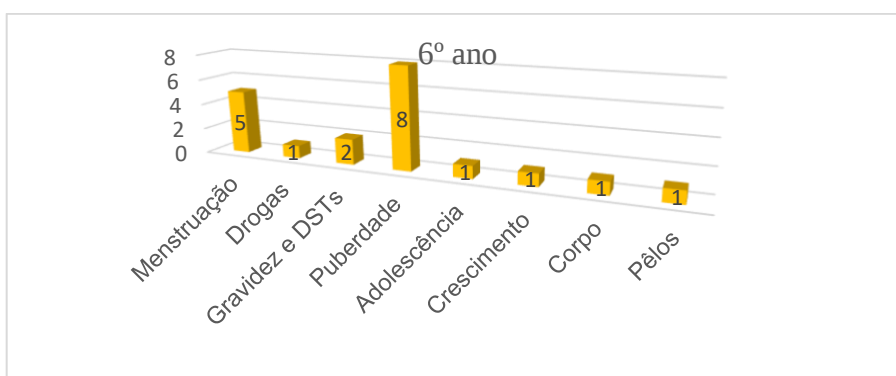
Para os alunos do 6º ano as três principais preocupações são: gravidez, puberdade e namoro. Já os alunos do 9º ano, gravidez, Doenças Sexualmente Transmissíveis e Gravidez e DST's concomitante. As respostas estão uniformes com

a exposição teórica desse trabalho, no sentido de que a sexualidade é um assunto de euforia e preocupação, requerendo um cuidado intencional de orientação. (BRASIL, 1997). Os adolescentes são conscientes de que esse tema preocupa seus pais. Justifica-se, pois, que considerem importante conversar com a mãe ou com amigos, razão pela qual, a escola e família devem dialogar sobre assuntos de interesse dos alunos. Os outros motivos colocados pelos interlocutores, direta ou indiretamente também se relacionam com as questões de orientação sexual.

4.4 O que mais constrange na adolescência

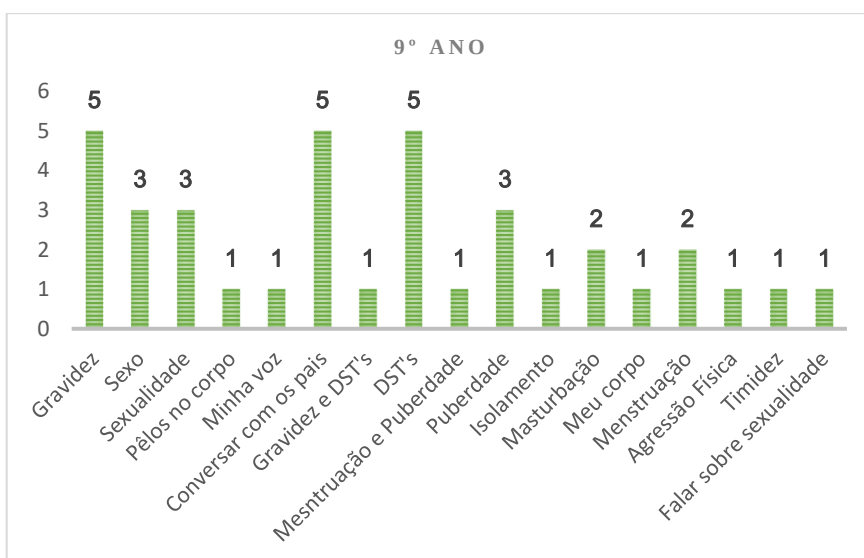
Os alunos do 6º e 9º ano ao serem indagados sobre o quê os constrangiam na adolescência fizeram vários registros. Observemos a partir dos gráficos 7 e 8:

Gráfico 7: Constrangimentos na adolescência



Fonte: Pesquisa dos autores. 2019.

Gráfico 8: Constrangimentos na adolescência



Fonte: Pesquisa dos autores. 2019.

O sujeito fala de onde se sente inserido, ou ainda de onde gostaria de estar. Podemos categorizar as respostas a partir de valores: fisiológicos, sociais e relativos ao ego (BARDIN, 2011): *valores fisiológicos*: puberdade, menstruação, menstruação e puberdade, masturbação, sexo, pelos no corpo, minha voz, crescimento, corpo, pêlos; *valores sociais*: conversar com os pais, sexualidade; *valores relativos ao ego*: timidez, agressão física, isolamento. Na esteira do que vimos nessa seção, o que constrange os interlocutores são os aspectos relacionados à sexualidade; do que se depreende que a sexualidade é tida como pertinente à adolescência. (AGUIAR, 2007).

Considerações finais

Os aspectos presentes no ideário de alunos do 6º e 9º do ensino fundamental estão imbricados com o contexto da adolescência vivenciado por todos eles. Fica claro, também, que a ideia de adolescência é sinônimo de sexualidade. Esta conclusão, baseia-se no contexto social desfavorável dos interlocutores. Por isso, que a escola, o professor de ciências tem um papel importante nesse processo. A escola, deve informar às famílias sobre o seu projeto de orientação sexual e a família, dialogar com a escola sobre as especificidades dos seus filhos a fim de que, juntos se construa respeito às diversidades.

Referências

AGUIAR, Tânia Margareth Bancalero. **O discurso (psico) pedagógico sobre a adolescência**: análise dos impasses docentes provocados pela teorização da adolescência. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-31052007-104141/publico/DissertacaoTaniaBancarelloAguiar.pdf> . Acesso em: 20 jan. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. - São Paulo: 70 Edições, 2011.

BRASIL. Lei N.9.394/96. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm . Acesso em: 20 dez. 2019.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: Ministério da Justiça, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm . Acesso em: 20 dez. 2019.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm . Acesso em: 20 dez. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, v. 10, 1997.

COSTA, Claudia Maria Lima da. **A prática pedagógica de professores do CEJA como contexto de aprendizagens docentes**. São Paulo: Lexia, 2012.

NASCIMENTO, Glacilene P. de Sousa. Doenças sexualmente transmissíveis (DST's): medidas preventivas no Centro de Educação João Paulo I, na cidade de Matões/MA. Disponível em: <http://bia.ifpi.edu.br/jspui/bitstream/prefix/125/1/TCC%20-%20Glacilene%20Pereira%20de%20Sousa%20Nascimento.pdf> . Acesso em: 20 dez. 2019.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista** 9.ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2007.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso**. 8. ed. – São Paulo: Atlas, 2017.

ROCHA, Maína Bertagna. **A formação dos saberes sobre Ciências e seu ensino: trajetórias de professores dos anos iniciais do ensino fundamental**. Campinas, SP: [s.n.], 2013. Disponível em: http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/251138/1/Rocha_MainaBertagna_D.pdf . Acesso em: 22 jan. 2020.